

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JOÃO VITOR DE LIMA FERREIRA

**AS ETAPAS DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO  
*DE MAGISTRO DE AGOSTINHO E SUAS CONTRIBUIÇÕES*  
PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Recife  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferreira, João Vitor de Lima.

As etapas do processo pedagógico no De Magistro de Agostinho e suas contribuições para o ensino de Filosofia / João Vitor de Lima Ferreira. - Recife, 2024.  
20

Orientador(a): Marcos Roberto Nunes Costa

Cooorientador(a): Suzano de Aquino Guimarães

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Agostinho. 2. De Magistro . 3. Processo pedagógico. 4. Mestre interior . 5. Ensino de Filosofia. I. Costa, Marcos Roberto Nunes. (Orientação). II. Guimarães, Suzano de Aquino. (Coorientação). IV. Título.

370 CDD (22.ed.)

JOÃO VITOR DE LIMA FERREIRA

**AS ETAPAS DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO *DE MAGISTRO DE*  
AGOSTINHO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA**

Texto apresentado como requisito para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2, ministrada pelo Prof. Dr. Érico Andrade, do Curso Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa  
Coorientador: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães

Recife  
2024

## AS ETAPAS DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO *DE MAGISTRO* DE AGOSTINHO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

**Resumo:** O Livro *De Magistro* de Agostinho de Hipona é um opúsculo cujo conteúdo é um diálogo. A obra tem por objetivo um fim epistemológico. Para o Filósofo patrístico, aprende-se algo não pelo poder presente nas palavras, mas pelo conhecimento de seu significado e pelo contato com os objetos aos quais elas se referem. O conhecimento se daria pelo contato direto ou indireto com os objetos de investigação, mas estes objetos são interiores. Cristo, seria a Luz interior que faz o ser humano distinguir se estes objetos estão sendo apresentados de maneira falsa ou verdadeira, chegando a concluir que apenas na atmosfera divina haveria a Luz do verdadeiro conhecimento. O jovem Adeodato compreende que as conclusões nas quais ele chegou, na realidade, só foram possíveis de ser acessadas por ter sido irradiado por este brilho celeste. Tendo em vista estes fatos, é possível identificar um processo pedagógico cujo intuito é o ensino para jovens. Este processo possui etapas que podem ser de relevância para o ensino de Filosofia. Foi possível identificar tais etapas: A pergunta filosófica gerada pelo significado de um sinal, a discussão filosófica sobre o sinal, a tentativa de resposta por parte do aluno, o acesso aos objetos interiores de conhecimento espiritual (a priori), E a conclusão da investigação após ter acessado o objeto interior, ou seja, ter sido “iluminado”.

**Palavras-chave:** Agostinho; *De Magistro*; Processo pedagógico; Mestre interior; Ensino de Filosofia.

**Abstract:** The Book *De Magistro* by Augustine of Hippo is a booklet whose content is a dialogue. The work aims at an epistemological end. For the patristic Philosopher, something is learned not through the power present in words, but through knowledge of their meaning and through contact with the objects to which they refer. Knowledge is given by direct or indirect contact with the objects of investigation, but these objects are interior. Christ would be the inner Light that makes human beings distinguish whether these objects are being presented in a false or true way, concluding that only in the divine atmosphere would there be the Light of true knowledge. The boy Adeodato understood that the lessons he arrived at, in reality, were only possible to be accessed because they were radiated by this celestial glow. Bearing these facts in mind, it is possible to identify a pedagogical process whose aim is to teach to young people. This process has steps that may be relevant to the teaching of Philosophy. It was possible to identify such stages: The philosophical question generated by the meaning of a sign, the philosophical discussion about the sign, the student's attempted response, access to the inner objects of spiritual knowledge (a priori), and the conclusion of the investigation after having accessed the inner object, that is, having been “illuminated”.

**Key words:** Augustine; *De Magistro*; Pedagogical process; Inner master; Teaching Philosophy.

## INTRODUÇÃO

O período mais primitivo da Filosofia Cristã é conhecido como período patrístico ou simplesmente Patrística. Esse momento singular na História da filosofia foi crucial para a formação do pensamento ocidental. Apesar de se enquadrar na categoria de Filosofia medieval por alguns, a Patrística é desenvolvida numa época denominada Antiguidade tardia, entre os séculos I e V d.C. Esse período antecede diretamente a Idade Média, sendo a transição da Antiguidade para esta última, que é mais marcada, no continente europeu pela corrente de pensamento denominada de Escolástica, destacada principalmente pela influência Aristotélica.

A Patrística diferentemente da Escolástica possui raízes fixas na tradição Platônica, principalmente pela influência do Neoplatonismo, bem representado por pensadores como Plotino e Porfírio. O termo “Patrística” é decorrente do fato de que os pensadores daquele momento ficaram conhecidos posteriormente como “Pais da Igreja”. E isso se deu por conta de que estes intelectuais lançaram as bases doutrinárias e hermenêuticas que seriam aceitas largamente pela Cristandade. Grandes pensadores como Clemente de Roma, Justino Mártir, Tertuliano, Cipriano de Cartago, Orígenes e Irineu de Lyon, se encontraram envolvidos em disputas teológicas e filosóficas que definiriam os rumos do pensamento cristão.

O grandioso desafio da Filosofia Cristã seria o de conciliar a razão humana e a revelação divina, demonstrando num profundo esforço apologético, que as Escrituras Sagradas enviadas por Deus aos seus profetas e demais escritores inspirados pelo Espírito Santo, não seriam uma questão de fideísmo, ou seja, uma crença cega sem respaldos lógicos, mera mitologia ou lenda, mas algo pelo qual valha a pena confiar e dar créditos, como confirma José Silvério da Costa neste trecho:

Denomina-se Filosofia cristã, em sentido histórico, a filosofia que influenciada pelo Cristianismo, predominou no Ocidente, principalmente na Europa, no período que vai do século I ao século XIV de nossa era. Compreende duas épocas: a primeira, que vai até o século V, conhecida como *filosofia patrística*; a segunda, que vai do século XI ao século XIV, e que corresponde à chamada *filosofia escolástica* ou medieval. O problema central da Filosofia cristã é o da conciliação das exigências da razão humana com a revelação divina (1989, p. 74).

O período da Patrística foi uma época de sofisticada reflexão filosófica, e de produção abundante de materiais. Porém este período não se limitou à defesa da Fé ou ao combate das crescentes heresias que fervilhavam na época, mas também ao que este texto pretende se debruçar, ou seja, a Educação, e a educação em uma marcante personagem histórica, que veio ser a mais conhecida dentre todos os pais da Igreja, Agostinho.

Aurélio Agostinho (354 – 430 d.C.), foi um bispo da cidade de Hipona, no Norte da África, cujo ministério pastoral se deu durante a dominação daquela região pelo império Romano. Filho de Mônica, uma piedosa cristã, nasceu em Tagasta no Norte da África, atual Argélia, lecionou retórica antes de ser consagrado ministro da Igreja. A influência de seu pensamento é inestimável para o Cristianismo em suas mais variadas tradições. O Pensador é bastante conhecido pela obra autobiográfica *Confissões*, onde ele relata sua vida pregressa antes de se converter ao Cristianismo. Pensador muito prolífico, se ocupou de investigar os mais variados assuntos de acordo com as necessidades do tempo em que viveu, como se pode ver neste trecho de Pedro Paulo de Sena Madureira:

Agostinho foi um desses homens completos: a todos os elementos do ser humano, ele acrescentou alguma coisa, inclusive, e sobretudo, o cunho sobrenatural da santidade. O que ele acrescentou a um simples personagem da história foi a contemplação metafísica, a cultura enciclopédica, o senso místico, o heroísmo de uma vida exemplar e a perfeição moral, depois de convertido, e o conhecimento das coisas divinas: poeta, orador, psicólogo, filósofo, teólogo, místico, pastor, administrador – tudo isso reunido numa síntese harmoniosa. Primeiro, foi pecador; depois, santo; a princípio, professor, em seguida pastor; torna-se depois cenobita, dirigente de diocese, poeta, lógico, romântico, tradicionalista, revolucionário, reitor eloquente e orador das multidões (1973, p. 138)

Dentre todas as ocupações com as quais Agostinho veio a se preocupar, a de professor é aquela sob a qual este texto irá ser desenvolvido. Afinal, que contribuições a filosofia agostiniana tem a oferecer no tocante à educação? E quais seriam seus métodos, procedimentos e diferenciais?

A pedagogia agostiniana tem sido identificada ao longo dos tempos especialmente em dois opúsculos, sendo estes *A instrução dos catecúmenos* e o *De Magistro (Sobre o Mestre)*. Este último será o foco do presente artigo. Primeiramente, se faz necessário entender o contexto em que se passa o texto e quais suas características.

## 1 ENTENDENDO O *DE MAGISTRO* E SEU MÉTODO

*De Magistro* foi escrito pelo Filósofo cristão no formato de um diálogo entre ele e seu filho Adeodato, um jovem que nasceu antes da conversão do seu pai através do relacionamento que Agostinho teve com sua concubina inominada, que aos olhos do próprio pai estava intelectualmente acima da média, e que infelizmente veio a falecer muito cedo, como afirma António Soares Pinheiro na Introdução a sua tradução do *De Magistro*:

O Batismo havia diluído todos os sombrios remorsos e culpas do passado, e Agostinho sentia agora a intimidade de Deus. No seu coração ficava apenas esta mágoa indelével: ‘tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei!’ (Confissões livro 10, cap.27). *O Mestre* foi objeto de diálogo uns dois anos após esses acontecimentos. Agostinho encontrava-se de novo na África, em Tagaste, sua terra natal. Adeodato veio a falecer pouco depois (In: Agostinho, 2006, p. 11).

Também o próprio Agostinho deixa registrado em *Confissões* as suas impressões acerca de seu filho, e as circunstâncias que o levaram a escrever o *De Magistro*:

Juntou-se a nós o garoto Adeodato, filho carnal do meu pecado, a quem Tu dotaste de excelentes qualidades. Estava prestes a completar seus quinze anos de idade, e sua inteligência ultrapassava a de muitos homens instruídos. Confesso Teus dons diante de Ti, ó Senhor meu Deus, Criador de todas as coisas,

e profusamente hábil em reparar nossas deformidades. Pois eu não tinha mérito nas qualidades do garoto, apenas em seu pecado. Pelo que o trouxemos à tua disciplina, e foste Tu, ninguém mais que nos inspirou a fazê-lo. Confesso Teus dons a Ti. Escrevi um livro cujo título é O Mestre. Trata-se de um diálogo entre Adeodato e eu; Tu sabes que tudo ali atribui-se àquele que comigo compartilhava suas ideias aos dezesseis anos. Muitas outras características ainda mais notáveis encontrei nele. Seu talento causava-me espanto. E quem, senão o Senhor, poderia ser o artista de tamanha obra de arte? Cedo arrebataste sua vida desta terra. Agora me lembro dele sem preocupação ou temor algum acerca de sua infância, juventude ou da pessoa que era. (Agostinho. 2019, p. 162-163)

Agostinho, escreve o diálogo aos moldes platônicos, que lhe influenciou muito principalmente através dos escritos de Plotino (204/205 – 270 d.C.). Mas sendo um Platônico, algo interessante de se destacar de seu diálogo é que o Doutor da Graça rompe com o pensamento pagão do Ateniense no que tange à teoria da aprendizagem via reminiscência, segundo a qual a obtenção do conhecimento se deve à recordação que a alma tem das suas contemplações no mundo inteligível, ou “mundo das ideias”. Apesar de certamente defender tal posição em sua juventude, a medida em que amadurece em suas concepções religiosas, Agostinho a abandona, tornando-se cada vez mais ortodoxo, como demonstra José Joaquim Pereira Melo:

Por sua vez, em *Sobre a Potencialidade da Alma*, ao dialogar com o companheiro Evodio, foi mais firme em sua posição. Esse militar, convertido ao cristianismo, buscando ao mesmo tempo luz para o entendimento das coisas do espírito, questiona-o sobre a imortalidade da alma nos seguintes termos: “Aceito e destaco o que disse, mas ainda assim eu me preocupo com a alma de um recém-nascido que vemos, tanto quanto nós, observar, que nada sabe e que é como a de um bruto. Porque, se ela é eterna, não traz nenhum conhecimento de qualquer arte?” (Agostinho, *Sobre la cantidad del alma*, 1947, 20, 34; tradução nossa). As perguntas de seu interlocutor favorecem a contundência da resposta: “Difícil, muito difícil é a questão que propõe, e não sei se há outra maior. Tão contrárias são as nossas opiniões sobre este ponto, que a você parece que a alma não traz consigo qualquer arte, e a mim, pelo contrário, me parece que traz todas, e o aprender não é outra coisa que o recordar” (Agostinho, *Sobre la cantidad del alma*, 1947, 20, 34; tradução nossa). Tais posições, afinadas com a teoria da reminiscência, não respaldam a afirmação de que Santo Agostinho as tenha defendido ao longo de toda a sua vida. Em seu caminhar do platonismo para o cristianismo, ele foi modificando seu pensamento e desenvolvendo concepções cristãs (2015, p. 83).

Para o Bispo de Hipona, que com o passar dos anos foi moldando suas perspectivas de forma a se tornarem cada vez mais cristãs, a alma era criada por Deus juntamente com o corpo, o que como já foi mostrado acima, não é compatível como na teoria Platônica. A obtenção do conhecimento verdadeiro, porém continua a ter sua influência neoplatônica, ainda que obviamente reduzida, principalmente nos métodos que o Pensador africano utiliza para conduzir seu filho às veredas da verdade no decorrer do diálogo, que se assemelha aos procedimentos que

Platão descreve em seus famosos diálogos, nos quais a principal personagem é geralmente é o seu notável mestre Sócrates.

Portanto, é possível afirmar que o processo pedagógico agostiniano pelo que é demonstrado no Opúsculo em questão se valha do método denominado socrático<sup>1</sup>, que não deixa de ser também um arcabouço platônico, afinal é difícil discernir onde se encerra Platão e se inicia o Sócrates propriamente dito nos diálogos do ateniense.

O dito método socrático consiste numa sabatina, uma bateria de questionamentos. Um diálogo filosófico entre educador e educando. Em *De Magistro*, Agostinho faz perguntas ao jovem Adeodato que, ao responde-las, recebe do pai correções dos possíveis equívocos. Agostinho faz, portanto, uma filosofia de perguntas e respostas com um fim didático, até que seu filho consiga enfim chegar ao conhecimento da verdade e a origem da mesma. E o objeto das investigações do diálogo é justamente aquele que é um dos recursos mais importantes dentro de um processo pedagógico, sendo este, as palavras. O Filósofo de Hipona vai, através destas, buscar mostrar ao seu filho Adeodato qual é realmente o significado das coisas. Ao longo do texto, ele e seu filho se referem às palavras como “sinais” ou “signos”. Como é possível reparar neste trecho da referida obra:

Ag. – Está, pois, assente entre nós que as palavras são sinais.

Ad. - Está.

Ag. - E que dizes: o sinal pode ser sinal se não significar alguma coisa?

Ad. -Não pode (Agostinho, 2006, p. 25).

No decorrer do texto, o Filósofo procura convencer o seu filho de que o conhecimento da verdade é algo que se obtém através de uma introspecção, ou seja, uma investigação *a priori* o que não é incomum na História da Filosofia<sup>2</sup>. No opúsculo *De Magistro*, tem-se que a verdade é algo que se encontra no íntimo do ser humano, e é revelada por uma Luz interior que é inata no sujeito pensante. Como uma marca do Criador que permite ao ser humano limitado e falho, conhecer o que é verdadeiro e confiável. Por ser cristão, Agostinho associa esta luz ao “Mestre” Cristo. As palavras deste Mestre interior seriam o instrumento para expressar a verdade que está dentro de cada indivíduo. Como demonstra o trecho:

---

<sup>1</sup> Entenda-se “método socrático”, como empregado neste texto, sendo o método de Platão utilizando-se da figura de seu mestre Sócrates como protagonista de seus diálogos. O fundador da Academia, ao que tudo indica, imprimia seus pensamentos particulares, não necessariamente o de Sócrates, o qual não deixou registros escritos de sua filosofia. Não é possível identificar se o Sócrates histórico, compactuava com as ideias de seu discípulo.

<sup>2</sup> No presente artigo, é empregado o termo “*a priori*” como sinônimo de “introspecção”, porém se faz necessário destacar que este sentido não esgota seu significado. *A priori* é um termo latino que também abrange outros sentidos.

Por conseguinte, ao dizer coisas verdadeiras, nem sequer o ensino a ele, que intui estas coisas verdadeiras, pois não é ensinado pelas minhas palavras, mas pelas coisas mesmas que lhe são manifestas, cobrindo-lhas Deus interiormente. E assim, se fosse interrogado sobre elas, também ele que se fosse interrogado antes de eu falar poderia expor essas mesmas coisas? Com efeito, o fato de o interrogado negar alguma coisa, e urgido por outras perguntas a vir a admitir, como frequentemente acontece, isso deve-se à fraqueza da pessoa que contempla, a qual não é capaz de divisar nessa luz a totalidade dum assunto (Agostinho, 2006, p. 107).

É possível, portanto, identificar no *De Magistro* uma aula de Epistemologia que é efetuada através de um diálogo filosófico tendo como ferramenta de pesquisa a linguagem. Este seria um modelo de processo pedagógico agostiniano para se ensinar, inclusive Filosofia. No entanto, o alvo do presente artigo não é a questão da obtenção da verdade em si como demonstrada no diálogo, mas o método com o qual se é possível alcançá-la. Agostinho acreditava que o diálogo filosófico era o meio mais eficaz e seguro de levar um aluno à verdade, como demonstra José Benedito de Almeida Júnior:

Num diálogo filosófico o aluno é incentivado a fazer questões e também a chegar às suas próprias conclusões, assim pode, por vezes, estar enganado – o que é normal numa situação em que se está conduzindo o raciocínio de quem tem menos experiência. O engano de Adeodato não é motivo de repreensão ou de qualquer forma de punição, como se o engano tivesse sido consequência dele não estar atento às lições – assumidamente complexas pelo professor – ou ter errado porque raciocina mal (2019, p. 98).

O estudante através deste método aplicado pelo Santo Doutor, consegue compreender onde está equivocado e pode chegar às conclusões corretas de modo autônomo. Se o método for aplicado de maneira eficiente, pode ser de grande utilidade na formação do educando. Portanto, a pesquisa em questão procura mostrar o diálogo filosófico no *De Magistro* de Agostinho como um processo pedagógico e expor as etapas deste processo, que podem ser de grande valia para o ensino de Teoria do conhecimento.

## 2 ETAPAS DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO *DE MAGISTRO*

No diálogo agostiniano, existe uma intenção pedagógica. O texto é dividido em algumas partes, e dentre estas, a primeira e a última serão de maior interesse neste texto. A primeira se inicia com esta pergunta de Agostinho direcionada a Adeodato: “*Que te parece pretender fazer quando falamos?*” e se trata da investigação acerca dos sinais, ou seja, das palavras, sua importância e real serventia. E a última parte consiste na tentativa do Filósofo de convencer seu filho

de que a real fonte do conhecimento é a Luz Interior gerada pelo Mestre Jesus, segundo o ponto de vista cristão do Pensador.

Tendo isto em vista, foi possível identificar ao menos 5 etapas deste processo pedagógico, que sendo aplicadas de maneira apropriada, permitirão aos discentes alcançarem uma emancipação no que tange à obtenção da verdade. E isto se dará mediante a introspecção, ou seja, a investigação *a priori*. E o objeto de estudo são os sinais, ou seja, as palavras. E isto pode ser utilizado em aulas de filosofia como um método válido e eficaz para a obtenção de conhecimento, através de um exercício mental, estimulado por perguntas e respostas em um diálogo filosófico, como diz José Benedito de Almeida Júnior:

Para além das questões relativas ao conteúdo, a obra de Agostinho nos remete também a uma questão de método de ensino. O diálogo é um meio de comunicação que permite duas pessoas se conhecerem, compartilharem ideias, resolverem problemas comuns etc. Quando adjetivamos o substantivo diálogo com a palavra filosófico nos remetemos a, pelo menos, duas situações: ou duas pessoas conversam a partir de bases conceituais refletindo sobre determinado assunto ou uma das pessoas ensina outra. Ensinar por meio do diálogo filosófico implica mais do que informar conteúdos e argumentos, mas por meio de perguntas e respostas, fazer com que a outra pessoa chegue às conclusões corretas, isto é, o conhecimento ou melhor ainda, descubra estes conhecimentos por si mesma, mediada pelo interlocutor (2019, p. 93-94).

As etapas identificadas e que serão expostas neste artigo são: a pergunta filosófica gerada pelo significado de um sinal; a discussão filosófica sobre o sinal; a tentativa de resposta por parte do aluno; o acesso aos objetos interiores de conhecimento espiritual (*a priori*) e por fim, a conclusão da investigação após ter acessado o objeto interior, ou seja, após o aluno ter sido “iluminado”. Esta Iluminação interior se encontra disponível ao discente, cabe ao professor ensinar ao discípulo o caminho por onde acessá-la e estas etapas são a explicação do caminho pelo qual Agostinho de Hipona conduziu seu filho, e a tentativa de aplicação desta pedagogia do Filósofo patrístico.

## 2.1 PERGUNTA FILOSÓFICA GERADA PELO SIGNIFICADO DE UM SINAL

O Filósofo de Hipona inicia o diálogo com seu filho, como já foi dito acima, através de uma pergunta. O questionamento se torna uma parte indispensável no diálogo filosófico. Sócrates possuía um método introspectivo para impulsionar o seu interlocutor a chegar ao conhecimento da verdade. Este método é a famosa *maïeutica*, que significa “parteira”. Acredita-se que recebeu este nome devido ao fato da mãe de Sócrates ter sobrevivido por meio desta profissão. Sendo filho de uma parteira, o Filósofo provavelmente conhecia o ofício de auxiliar

alguém a dar à luz, trazer à luz uma nova vida, e no seu método o objetivo era trazer à luz um novo conhecimento, ajudar um aluno a “parir” de dentro de si a verdade.

A parteira pode auxiliar em um trabalho de parto, porém, a única capaz de dar à luz uma criança é a própria mãe. De igual modo, no diálogo filosófico, apenas o aluno pode gerar o conhecimento. A obtenção do conhecimento deve ser alcançada pelo próprio discente, enquanto o docente deve ser o condutor neste trajeto que apesar de ser possivelmente exaustivo, permite com que alguém possa por conta própria chegar às respostas que procura.

Existe, porém, um ponto de divergência no diálogo de Agostinho para com os diálogos de Platão que retratam Sócrates como o condutor do conhecimento. Apesar da clara influência, o método puramente socrático faz do filósofo, ou do professor, um detentor mais profundo do saber, de modo que seu interlocutor traz respostas limitadas, ou seja, a participação do aluno nos diálogos platônicos é diminuta em relação ao método agostiniano inspirado no método socrático, como demonstra José Benedito de Almeida Júnior:

Há, porém, uma diferença na forma de elaboração destes diálogos. Nos diálogos do fundador da Academia os interlocutores acompanham os raciocínios de Sócrates. Este, geralmente, faz uma pergunta a um dos participantes e a resposta, estando errada, dá ocasião para o início de um diálogo no qual os interlocutores, no mais das vezes, limitam-se a dizer ‘sim, Sócrates’; ‘não, Sócrates’; ‘pelo Cão, Sócrates, eu jamais diria isso!’, isto é, a arte do raciocínio fica toda – quase sempre – sob a responsabilidade do mestre de Platão. Nas obras de Agostinho, apesar de haver passagens semelhantes, há momentos em que as outras pessoas também participam do processo de raciocínio e, portanto, em termos metodológicos, está mais próximo do que podemos considerar um processo de ensino por meio de diálogos filosóficos (2019, p. 94).

Podemos dizer diante disto que Sócrates convencia o seu interlocutor por meio dos raciocínios que ele mesmo fazia, instigando o seu aprendiz a concordar ou discordar dele, portanto é possível dizer que o diálogo socrático, com a devida licença poética, arrancava com mais violência o conhecimento nascituro de dentro do sujeito que lhe dará à luz, o que não é o caso no diálogo do Bispo de Hipona, que conduz o seu discípulo de maneira mais gentil, ao incentivá-lo a usar do próprio raciocínio pra chegar às respostas almejadas, ao invés de apenas consentir com as conclusões do professor, como é possível notar nesta passagem do *De Magistro*:

Ad. - Que significa *nihil* (nada), senão o que não existe?

Ag. - Talvez digas a verdade, mas impede-me de concordar com o que acima concedeste: que não há sinal que não signifique alguma coisa. Ora, o que não existe não pode de maneira nenhuma ser alguma coisa. Portanto, a segunda palavra, neste verso, não é sinal, pois não significa alguma coisa. Foi, pois, falsamente por nós assente que todas as palavras são sinais, ou então que todo sinal significa alguma coisa.

Ad. - Apertas-me, fortemente, na verdade; mas quando não temos nada que significar é completamente estulto proferirmos qualquer palavra. Ora, neste momento, falando comigo, creio que tu nenhum som proferes em vão; pelo contrário, com todos os que saem da tua boca, dás-me sinal para eu entender alguma coisa. Por conseguinte, não deves pronunciar essas duas sílabas ao falares, se com elas não significas coisa alguma. Mas vêes que por elas se faz uma prolação necessária, e que somos ensinados ou rememorados quando elas nos soam aos ouvidos, vêes também com certeza o que pretendo dizer, mas não consigo explicar.

Ag. - Que concluímos então? De preferência a uma coisa que é nula, diremos antes que por esta palavra se significa certa impressão do espírito, quando este não vê uma coisa, e não obstante descobre ou pensa ter descoberto que ela não existe?

Ad. - Talvez fosse isso mesmo o que eu tentava explicar (Agostinho, 2006, p. 26-27).

Na passagem acima existe um elemento escasso nos diálogos socráticos, é possível notar logo de início Adeodato fazendo uma pergunta a Agostinho, que prontamente responde-lhe discordando. No diálogo agostiniano há uma salutar troca de conhecimentos, ainda que desbalanceada entre o mestre terreno e seu discípulo. E seria contra intuitivo chegar à conclusão de que um docente não tem a intenção de fazer o discente crescer intelectualmente ao ponto de desenvolver as mesmas capacidades dos mais instruídos. No diálogo filosófico agostiniano o aluno não deve possuir receio de tirar suas dúvidas com o professor, nem mesmo deve ter cerceado seu direito de discordar mediante sua possível falta de compreensão do assunto abordado.

A pergunta filosófica gerada pelo significado de um sinal é o que se pode contemplar no trecho destacado, movimentando o aluno a questionar se verdadeiramente compreende aquilo que uma palavra quer dizer, ou se aquele sinal está sendo aplicado de maneira correta ou equivocada no vocabulário.

Mediante o processo pedagógico de um diálogo filosófico, educador e educando podem de maneira mútua exercitarem-se mentalmente. O professor induz o aluno a se questionar acerca do significado de uma palavra, fazendo também perguntas. Caso a resposta não seja satisfatória, o docente lhe apresenta uma correção, porém, sem inibir o aluno de discordar, e faz com que por meio de um processo de perguntas e respostas, o discente compreenda a possível falta de lógica caso esteja realmente equivocado e o professor tenha percebido este engano. No trecho do diálogo acima, Agostinho leva Adeodato a encontrar o significado questionando-o e também auxiliando no raciocínio. Portanto a pergunta compõe um elemento indispensável no processo pedagógico agostiniano. O mestre deve também estar atento ao que o discípulo conclui e estar aberto à discussão.

## 2.2 A DISCUSSÃO FILOSÓFICA SOBRE O SINAL

A etapa seguinte após a pergunta filosófica, é a discussão filosófica sobre o sinal que gerou a indagação. É comum que ao se fazer uma pergunta, a resposta ao questionamento não chegue da maneira mais apropriada possível. E sendo este o caso, tomando o opúsculo do Santo Doutor como exemplo de procedimento a ser tomado, é preciso discutir, até que ambos, professor e aluno encontrem o consenso. A pedagogia agostiniana presente no *De Magistro* é mais democrática do que a presente nos diálogos de Sócrates, como já foi mencionado, e é possível identificar uma discussão entre os componentes deste diálogo.

Ao longo do pequeno opúsculo, Agostinho provoca Adeodato quanto aos sinais, e faz com que o jovem ponha em dúvida aquilo que julgava saber acerca de determinada palavra, e isto acaba por gerar inquietação acarretando necessariamente em discussão. O jovem tenta defender suas posições diante do pensador que forçando mais o juízo faz com que o jovem por meio de suas próprias capacidades discorde ou concorde. O Bispo de Hipona não lança a resposta de imediato, antes, por meio da conversa e da troca de informações com o discípulo, ele o leva a perceber por si mesmo onde errou em sua resposta. Esta autonomia para discutir com o mestre é bem representada nesta parte do terceiro capítulo do diálogo:

Ag. - Dizemos porventura que a cor é corpo, ou pelo contrário certa qualidade do corpo?

Ad. - Assim é.

Ag. - Por que razão, neste caso, se pode também mostrar com o dedo? Porventura ajuntas também aos corpos as qualidades dos corpos, de modo que estando elas presentes, se podem dar a conhecer sem palavras?

Ad. - Quando eu disse *corpos*, queria que se estendesse tudo que é corporal, isto é, tudo que se sensoria nos corpos.

Ag. - Mas, repara todavia se também daqui tens alguma coisa a excluir.

Ad. - Advertes bem; não devia dizer tudo o que é corporal, mas sim tudo o que é visível. Reconheço de fato que o som, o cheiro, o sabor, o peso, o calor e as outras propriedades que pertencem aos restantes sentidos, apesar de não se poderem sensoriar sem os corpos, e serem por isso corporais, não podem, contudo, ser mostradas com o dedo (Agostinho, 2006, p. 32-33).

Na porção acima é possível notar as provocações por parte do Filósofo patrístico ao seu filho. O docente deve de igual modo, neste modelo de processo pedagógico, estimular o discente a entrar em debate acerca do que se questionou. No trecho foi notado que Adeodato em certo momento pensou de maneira coerente, porém não soube se expressar de maneira adequada, no que foi advertido pelo seu pai. O jovem reconhece o equívoco, mas não diretamente, o Filósofo por meio da conversa faz ele perceber que “corporal” e “visível” são conceitos distintos.

No intuito de fazer um aluno de filosofia compreender um conceito através de uma investigação *a priori* por meio de seu próprio esforço lógico se faz necessário que a indução do discente o ajude a chegar na resposta por si mesmo. Este é um modelo de obtenção de conhecimento que é também emancipatório. O aluno passa a filosofar junto com o professor. O diálogo de Agostinho mostra não apenas um filósofo filosofando para ensinar o indouto, mas dois indivíduos praticando a filosofia por meio de uma conversa. O ensino de filosofia se torna um tanto mais completo no modelo agostiniano se isto for tido em conta, afinal, se ensina tanto a Filosofia quanto o filosofar.

### 2.3 A TENTATIVA DE RESPOSTA POR PARTE DO ALUNO

Já foram explanadas duas etapas que foram identificadas no processo pedagógico do diálogo agostiniano. Passar-se-á agora para a terceira etapa. Existe uma linha de raciocínio lógico e claro. Foi feita uma pergunta, houve uma discussão acerca do tema da indagação, com o objetivo de se chegar a uma resposta. Em uma aula de teoria do conhecimento o objetivo é se alcançar a verdade. A verdade é a única resposta que é absolutamente satisfatória, portanto, ninguém que tenha sido questionado irá se contentar em dar uma resposta que não esteja de acordo com a realidade das coisas como elas realmente são.

No diálogo entre Agostinho e Adeodato o tema central é a linguagem. As nuances que envolvem a problemática são tratadas ao longo de todo o texto. Como já foi observado no presente artigo, o objetivo cabal na obra do Santo Doutor não é necessariamente alcançar a verdade, mas encontrar a fonte que leva o sujeito pensante a ter acesso a ela, e este meio no decorrer do opúsculo é o diálogo filosófico. Um diálogo é composto por perguntas, reflexões e respostas logo em seguida. Na passagem abaixo isto é bem exemplificado:

Ag. - E que dizes, estes quatro sinais, que há pouco pronunciaste, não são significados por nenhum outro sinal?

Ad. - Admiro que julgues ter-me já esquecido o que antes averiguamos, que as palavras que se escrevem são sinais daqueles sinais que se proferem com a voz.

Ag. - Diz-me onde está a diferença entre eles.

Ad. - Está em que os primeiros são visíveis e os segundos *audíveis*. Por que não há de aceitar esta palavra, se aceitamos *significáveis*?

Ag. - Admito-a inteiramente e de bom grado. Mas pergunto ainda: esses quatro sinais não poderão ser significados por nenhum outro sinal audível, como lembraste que se dava com os visíveis?

Ad. - Também recordo que isso foi dito há pouco. Efetivamente eu tinha respondido que *nome* significava alguma coisa, e sob esta significação pus

esses quatro apelativos; se não só esse [nome], mas também esses quatro apelativos forem pronunciados com a voz, reconheço que são audíveis (Agostinho, 2006, p. 40-41).

Foi visto acima que o Filósofo patrístico não se contenta com a resposta rasa de seu fiel pupilo. Ele o pressiona até que venha a responder da maneira mais completa possível. Agostinho deseja saber de seu filho se algumas palavras, que são sempre sinais que representam algo da realidade, podem ser representadas por outras palavras audíveis, e não outros sinais que além de verbos falados podem ser também gestos, caracteres escritos e demais formas de comunicação, porém Adeodato não compreende bem aonde o pai quer chegar, e por isso, apesar de estar no caminho certo do processo fornece uma resposta que o pai não desejava ouvir.

Agostinho então é mais específico em sua pergunta no que o seu filho prossegue seu raciocínio de maneira mais apropriada. Isto leva a entender que o docente deve analisar as respostas do discente, e por meio de perguntas cada vez mais específicas estimular a investigação deste último até que ele consiga chegar a conclusões plausíveis.

Só se pode ser identificada uma falha de interpretação por parte de um aluno através de suas respostas. A tentativa de resposta mostra ser uma constante no processo pedagógico do *De Magistro*, e ela revela ao filósofo se finalmente o leigo interlocutor pôde obter o acesso aos objetos interiores de conhecimento espiritual, ou seja, *a priori*, e se o método de ensino está a surtir o efeito desejado, que é conduzir o aluno à independência no tocante ao raciocinar e averiguar o significado de sinais. Filosofar por conta própria.

#### 2.4 O ACESSO AOS OBJETOS INTERIORES DE CONHECIMENTO ESPIRITUAL (A *PRIORI*)

Esta é, pelo que foi averiguado, a penúltima etapa do processo pedagógico retratado no *De Magistro* de Agostinho. Se aproximando do final do Opúsculo, o Bispo de Hipona vai monopolizando cada vez mais as falas, de forma que a conversa filosófica vai se tornando mais propriamente o que chamaríamos de aula expositiva. Isto vai da metade do capítulo X até o capítulo XIV do Opúsculo.

Em sua ministração, Agostinho explica ao filho algumas verdades por ele concluídas acerca do acesso aos objetos interiores, aquelas que são de natureza espiritual e só podem ser consultadas através de uma investigação *a priori*. Ao se dizer “espiritual” existe uma influência do vocabulário cristão, o que é compreensível, se tratar de um dos mais influentes pensadores cristãos de todos os tempos, mas entenda-se por espiritual aquilo que é psicológico ou mental.

Na sua aula, o Santo Doutor faz menção a algumas passagens bíblicas, mas se detém especialmente no relato dos 3 jovens judeus, cativos na Babilônia: Ananias, Misael e Azarias, também chamados de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que foram lançados pelo rei Nabucodonosor numa fornalha em chamas, porém segundo as Escrituras Sagradas, saíram ilesos após a teofania de um Quarto Homem surgir entre eles. O Hiponense se vale desta passagem para exemplificar que nem tudo que se acredita se pode inteccionar também. Ele cita diversos elementos que pode entender na passagem, mas não poderia conhecer totalmente, pois não presenciou o episódio, podendo apenas crer e acessar estes elementos em sua consciência. Ele sabe o que são três jovens, porém não conheceu aqueles em específico. Mas para além disto, aquilo que é possível inteccionar, somente o é porque a verdade já preside no interior dos indivíduos, e por ser cristão, ele a identifica como sendo o próprio Cristo como mostra o seguinte trecho:

Assim, o que intecciono, também o acredito; mas nem tudo o que acredito o intecciono também. E assim, tudo o que intecciono, sei-o racionalmente. Nem por isso ignoro quão útil é acreditar em muitas coisas que não sei racionalmente. Nem por isso ignoro quão útil é acreditar em muitas coisas que não sei racionalmente. Nessa utilidade incluo também essa narrativa dos três jovens. Deste modo, não podendo eu saber racionalmente grande número de coisas, sei, todavia, com quanta utilidade se acreditam. Ora acerca de todas as coisas que inteccionamos, não consultamos alguém que fala e produz um som fora de nós, mas a Verdade que preside interiormente à nossa mente, sendo talvez incitados pelas palavras a consultá-la. E aquele que é consultado, ensina: é Cristo, de quem se disse que habita no ‘homem interior’ (Efésios 3, 16-17), e é ‘o Poder incomutável de Deus, e a sempiterna sabedoria’ (Agostinho, 2006, p. 103).

É possível notar, então, que a teoria do conhecimento na filosofia agostiniana é um processo de introspecção. A influência da tradição platônica ainda resiste dentro dele, porém a Iluminação interior neste caso é atribuída ao Deus cristão. O acesso a sabedoria seria o acesso ao que a Deus gravou dentro dos sujeitos, como vai mostrar Antonio A. Minghetti em um de seus comentários a sua tradução do *De Magistro*:

Agostinho explica a Adeodato que a Deus se chega e se conhece através da experiência introspectiva. Desta relação inferida, acena com a questão gnosiológica da busca da Verdade pelo homem, que lhe seria intrínseca pela derivação da parte de seu todo e que, por conceito, ali também residiriam o princípio formal da existência. Alguns meses após ter finalizado *De Magistro*, escreveu: “Não procure fora, retorne a você mesmo; a Verdade habita o homem interior; e se você encontrar que sua natureza é inconstante, transcenda a si próprio. Mas, eu mesmo quando me elevo, penso transcender-me a alma. Conduzo-me a aquilo donde a luz mesma da razão ilumina” (*in DE VERA RELIGIONE Liber I – 39.72*). É pela dialética agostiniana que se dá a condução à Verdade, na locução do *Verbum* com o homem, este um *eu* incluso em sua *mónada* e encerrado em um cotejo com razão; ambos conduzidos pelos sentidos do Uno (*In: 2015, p. 129*).

Ao estudar os métodos de ensino empregados pelo Bispo de Hipona, nota-se que o professor de filosofia deve impulsionar seu aluno a descobrir a verdade que reside dentro dele. Um não cristão talvez questione a atribuição do Hiponense ao Senhor Jesus Cristo como sendo a fonte desta iluminação, e o Verdadeiro e Único Mestre. Porém o processo de análise introspectivo através da dialética continua sendo uma forma eficaz de desenvolver o discente mentalmente e estimulá-lo a pensar por si mesmo.

A razão do próprio discípulo o ilumina no caminho à verdade, se o mestre terreno, por assim dizer, lhe conduzir através do diálogo, o provocando com perguntas que estimulem o pensar, e a mente, raciocinando de maneira lógica caminha ao encontro das Verdades eternas, tendo, obviamente, um docente mais esclarecido para acompanhar o desenvolvimento da investigação e corrigir o pupilo se necessário e guiando-o de maneira a fazer com que ele por seus próprios méritos acesse as respostas adequadas às indagações acerca dos mistérios obscuros que circundam a realidade.

## 2.5 E A CONCLUSÃO DA INVESTIGAÇÃO APÓS TER ACESSADO O OBJETO INTERIOR, OU SEJA, TER SIDO “ILUMINADO”

A última etapa do processo pedagógico do *De Magistro* de Agostinho de Hipona não poderia ser outro senão a conclusão das próprias investigações. No diálogo escrito pelo Bispo de Hipona, o objetivo era encontrar a fonte pela qual as verdades emanam. Como já foi dito neste artigo, esta iluminação de intelecto se dá por meios divinos, uma Luz celeste que irradia as trevas da ignorância. Esta Luz interior permite ao discípulo ter acesso ao que outrora não lhe era inteligível.

A análise *a priori* da linguagem por meio da dialética, ou diálogo filosófico, permite que o professor leve o aluno ao que poderia ser denominado de uma emancipação racional, e com isso cumprir seu propósito educacional ao fazer do discente um sujeito pensante, que possui uma formação integral, aprendendo tanto a filosofia quanto a como filosofar, e ter capacidade de comprovar por si só que o seu educador não lhe transmitiu conclusões que competem apenas às opiniões dele mesmo, mas que refletem a verdade, como diz o próprio Agostinho no último capítulo do *De magistro*:

Ag. - Proclamam acaso os professores que se aprenda e fixe o que eles pensam, e não as doutrinas mesmas, que eles julgam comunicar falando? Pois quem será tão estultamente curioso que mande o seu filho à escola, para que ele aprenda o que o professor pensa? Ora depois de terem [os profes-

sores] explicado por palavras todas essas doutrinas, que declaram ensinar, incluindo a da virtude e a da sapiência, então aqueles que são chamados discípulos consideram consigo mesmos se se disseram coisas verdadeiras, e fazem-no contemplando, na medida das próprias forças, aquela Verdade interior de que falamos. É então que aprendem. Tendo averiguado interiormente que foram ditas coisas verdadeiras, pronunciam louvores, ignorando que não louvam propriamente homens que ensinam, mas sim ensinados; se é que também esses professores conhecem o que dizem (Agostinho, 2006, p. 117-118).

Ao ler esta passagem do diálogo agostiniano, é possível entender mais claramente qual o maior propósito da pedagogia deste Filósofo de Hipona, que é promover a contemplação nos alunos, ou seja, leva-los a pensar por conta própria, e isto, ao que tudo indica, para ele é o verdadeiro ensinar, quando, como ele mesmo diz no trecho, “*É então que aprendem*”.

Pais, segundo o pensamento agostiniano, matriculam seus filhos em escolas para que estes possam vir a ser sujeitos pensantes, e não meramente repetidores de seus professores. Para que eles mesmos possam ter a autonomia<sup>3</sup> de questionar aquilo que lhes é lecionado, e não apenas absorver de maneira incauta e deliberadamente o conhecimento proposto.

A última etapa deste processo pedagógico do Bispo de Hipona é algo que apenas o aluno pode fazer por si mesmo, após ter sido estimulado em diálogo filosófico pelo seu professor, assim como Agostinho faz com Adeodato na obra, que consegue de maneira própria concordar com as conclusões de seu educador, como está registrado na última parte do referido Opúsculo:

Ad. - Quanto a mim, advertido pelas tuas palavras, aprendi que o homem, pelas palavras, não é mais que incitado a aprender, e que é de muito pouco valor o fato de que grande parte do pensamento de quem fala se manifesta pela locução. Se realmente se dizem coisas verdadeiras, só o ensina Aquele que quando nos falavam de fora nos advertiu de que Ele habitava no interior. Eu o amarei desde agora tanto mais ardentemente, quanto mais estiver adiantado em aprender. Entretanto estou muito grato por esta tua exposição, em que usaste seguidamente a palavra, sobretudo por ela ter prevenido e resolvido tudo o que eu estava disposto a objetar. Além disso, não foi por ti deixado de parte absolutamente nada de que me causava dúvida, e acerca do qual esse oráculo secreto não me respondesse, segundo o que era afirmado pelas tuas palavras (Agostinho, 2006, p. 117).

---

<sup>3</sup> Acerca da “autonomia” como utilizada neste texto, é importante tomar consciência de que não se trata de uma visão anacrônica do termo, como compreendida exatamente na contemporaneidade. Agostinho não deseja que seu filho desenvolva sua própria opinião acerca dos fatos, tampouco que divirja do que é ensinado por seu professor, mas que seja capaz de comprovar por si mesmo que seu mestre terreno está com a razão, pois conseguiu acessar a verdade absoluta por meio da iluminação divina. O filósofo patrístico instrui seu discípulo no intuito de fazer com que ele possa ter acesso sozinho às mesmas verdades de seu professor, ou seja, a referida “autonomia” não é uma defesa da verdade subjetiva ou da divergência de opinião ou mesmo, da relatividade no tocante às conclusões do discente. Ao que parece em seu opúsculo, Agostinho é contrário ao subjetivismo sofista.

Adeodato não se limitou à exposição do pai, mas creu na pedagogia/epistemologia agostiniana pois através dela mesma conseguiu concluir racionalmente que seu pai estava com a razão. Ele fez sua contemplação introspectiva, e viu que a luz da razão brilhando em seu interior indicava o mesmo caminho apontado pelo seu mestre terreno, essa luz ele atribui ao Mestre Celestial.

## CONCLUSÃO

Por fim, é possível chegar à conclusão de que as etapas do processo pedagógico no *De Magistro* de Agostinho compõe um método pedagógico-epistemológico que possui resultados apropriados para serem utilizados por professores a fim de ensinar, inclusive filosofia, aos seus alunos, tendo em vista que não se trata de um método complexo, ao contrário, sendo deveras simples e lógico, possui um desfecho que é bem sucedido se bem aplicado. Se o educador estimular o educando através de um diálogo filosófico, e estiver disposto a sanar dúvidas que por ventura venham assurgir, aparar as arestas de desvios de raciocínio com cuidado, a conclusão poderá vir a ser satisfatória, pois o aluno não apenas terá aprendido, como terá compreendido o caminho para chegar à verdade.

O *De Magistro*, de Agostinho, mostra um processo que pode chegar a ser demorado, dependendo da desenvoltura do aluno, mas cujos resultados são geralmente agradáveis, se o objetivo do docente for verdadeiramente formar o aluno. Levar alguém que está sendo educado à independência é o objetivo de qualquer disciplina escolar ministrada por um professor minimamente qualificado. Um professor de linguagem deseja que seu aluno domine o idioma com suas regras gramaticais, de igual modo, alguém que ensina Aritmética pretende que aqueles aos quais leciona venham poder fazer por si mesmos os cálculos. E o professor de filosofia, pelo que consta no pensamento agostiniano deve ser movido pelo desejo de levar seus alunos a pensarem por conta própria, o que não poderia ser feito de maneira mais eficaz do que através da provocação de uma pergunta que vai exigir que o interlocutor responda utilizando aquilo que dispõe no momento, e o que ele dispõe é de uma capacidade de raciocinar.

O termo aluno, como é de conhecimento geral, significa “sem luz”, ora, alguém desprovido de luz jaz em trevas, e a escuridão traz cegueira exterior. Se falta luz na parte de fora, talvez seja necessário olhar para dentro. É possível que uma educação libertadora seja feita nos moldes do antigo Filósofo cristão. Se um questionamento for feito, um desejo por resposta será desbloqueado, e as melhores respostas para as indagações do espírito são aquelas irradiadas pela própria razão. Se a resposta não for a correta, ao menos ele terá a certeza de que existe,

pois alguém que não se engana não pode existir. Isso se faz necessário para que aquele indivíduo perdido no escuro não dependa do que não pode ter certeza, mas descubra que dentro de si existe uma Luz, um verdadeiro Mestre com poder de dissipar a ignorância e ilumina-lo ao caminho da Verdade.

*Soli Deo Gloria!*

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **O Mestre**. 3. ed. Tradução e introdução de Antônio Soares Pinheiro. São Paulo: Landy Editora, 2006.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 1. ed. Trad. de Beatriz S. S. Cunha. Jandira: Principis, 2019.
- AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. Tradução anotada e comentada de Antonio A. Minghetti. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.
- ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito. Santo Agostinho: o diálogo filosófico no ensino de filosofia. *In: VELASCO, P. D. N. (org.). Ensino de – qual? – filosofia: ensaios a contrapelo*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 85-102.
- COSTA, José Silvério da. COSTA, José Silvério da. A Filosofia Cristã. *In: REZENDE, Antônio. Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p. 74-84.
- MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena. **Santo Agostinho**. São Paulo: Editora Três, 1973.
- MELO, José Joaquim Pereira. Santo Agostinho e o problema da aprendizagem humana. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 1, p. 82-94, 2015.
- MINGHETTI, Antonio A. Introdução e comentários. *In: AGOSTINHO, Santo. De Magistro*. Tradução anotada e comentada de Antonio A. Minghetti. Porto Alegre: Editora Fi, 2015
- PINHEIRO, Antônio Soares. Introdução. *In: AGOSTINHO, Santo. O Mestre*. 3. ed. Tradução e introdução de Antônio Soares Pinheiro. São Paulo: Landy Editora, 2006